



Jeferson Benício de Freitas*

RESUMO

Este trabalho mostra como a filosofia de Descartes influenciou de forma relevante uma parte do pensamento filosófico de Husserl. Há uma relação muito próxima de alguns aspectos entre a filosofia de Descartes e a de Husserl. Em alguns pontos parece que há uma continuidade, como a noção de suspensão de juízo de Descartes e a epoché de Husserl ou o conceito de evidência cartesiano e a intuição de Husserl. A suspensão de juízo de Descartes e a epoché de Husserl colocam o juízo em “parênteses”, em suspensão, isto é, suspendem o julgamento sobre as coisas. Isso consiste em deixar de lado os preconceitos, as teorias, as afirmações pré-concebidas. Além disso, o conceito de evidência de Descartes e a intuição de Husserl também são semelhantes. Ambas as teorias afirmam que o conhecimento é imediato e vai direto ao objeto, não havendo discurso para atingir o conhecimento. Portanto, defende-se que há uma relação próxima em alguns pontos da filosofia de Descartes e de Husserl.

Palavras-chave: Descartes. Edmund Husserl. Teoria da dúvida. Epoché. Intuição.

Descartes' influence on Husserl's thought

ABSTRACT

This paper shows how Descartes' philosophy had a relevant influence on part of Husserl's philosophical thought. There is a very close relationship in some aspects between Descartes' philosophy and Husserl's. In some points there seems to be a continuity, such as Descartes' notion of suspension of judgment and Husserl's epoché or the Cartesian concept of evidence and Husserl's intuition. Descartes' suspension of judgment and Husserl's epoché deal with putting a judgment in "parentheses", in suspension, that is, suspending a judgment about things. This consists in setting aside prejudices, theories, and pre-conceived assertions. In addition, Descartes' concept of evidence and Husserl's intuition are also similar. Both theories claim that knowledge is immediate and goes straight to the object. Thus, there is no discourse to attain knowledge. Therefore, there is a close relationship in some points of Descartes' and Husserl's philosophy.

Keywords: Descartes. Edmund Husserl. Theory of doubt. Epoché. Intuition.

Introdução

Husserl elabora uma filosofia inovadora que foi denominada de Fenomenologia. Porém, o pensamento filosófico de Husserl pertence à tradição filosófica, pois a base do seu pensamento está ancorada nela. Desse modo, é possível perceber por que a tradição filosófica, especialmente Descartes, influenciou o pensamento de Husserl.

Neste artigo, o objetivo é fazer uma análise da influência da filosofia de Descartes no pensamento de Edmund Husserl. Para isso, vou discorrer, primeiramente, sobre a relação entre Descartes e Husserl. Em seguida, explano acerca do método da dúvida de Descartes, assim como sobre a noção de suspensão de juízo e o conceito de evidência de Descartes e, por outro lado, sobre a *epoché* de Husserl e, por fim, o seu conceito de intuição.

Percebe-se que há uma ligação forte entre Descartes e Husserl. O próprio Husserl diz que a sua fenomenologia possui elementos da filosofia de Descartes. Assim, Husserl pode ser considerado, de algum modo, como um herdeiro da filosofia cartesiana. Entendemos que a principal influência de Descartes sobre Husserl está na concepção da *epoché*, que se encontra relacionada ao método da dúvida, instrumento para questionar a realidade externa do sujeito de conhecimento. Assim, a partir de tal método, Descartes cria a possibilidade de suspender todo juízo sobre a realidade percebida, isto é, tudo que é externo ao sujeito de conhecimento.

A noção de suspensão de juízo de Descartes equivale ao não-julgamento sobre o mundo percebido. Assim, Descartes suspende os juízos fornecidos pela experiência. Com isso, não há valor de verdade sobre as coisas externas. A verdade, para Descartes, é fundamentada na questão da evidência. Por conta disso, o seu conceito de evidência é um critério de verdade baseado naquilo que se mostra claro e distinto. A evidência é um princípio para alcançar a verdade.

Desse modo, a partir do método da dúvida de Descartes, Husserl desenvolve a *epoché* no método fenomenológico. *Epoché* é um método de suspensão de juízo desenvolvido por Husserl. Com essa suspensão de juízo sobre a realidade natural, a realidade cotidiana, Husserl busca o conhecimento da essência da coisa a partir do seu aparecimento através da percepção.

Em relação à verdade, Husserl atribui a intuição o modo de acesso à verdade. Intuição é uma visão direta de algo individual existente em sua concreta plenitude, isto é, sem intervenção de outros conteúdos cognitivos. A intuição age no imediatamente dado. Com a intuição, apreendem-se de forma imediata os elementos essenciais de um objeto.

Depois disso, agora veremos como se dá a relação entre Descartes e Edmund Husserl, ou melhor, o que há em comum entre esses dois filósofos, nas suas respectivas teorias filosóficas.

Relação entre Descartes e Husserl

A relação da filosofia de Descartes com a de Husserl é expressa pelo próprio Husserl no § 3 nas *Meditações Cartesianas*: “A ideia condutora das nossas meditações será, tal como para Descartes, a de uma ciência a fundamentar numa radical autenticidade e, derradeiramente, a de uma Ciência Universal” (HUSSERL, 2013, p. 45). Desse modo, Husserl busca desenvolver um método filosófico para suas investigações contando com a contribuição da filosofia de Descartes.

Descartes e Husserl possuem em comum o desenvolvimento da filosofia como um meio para o conhecimento das coisas de modo inquestionável. Em outros termos, eles queriam que a filosofia fosse uma ciência segura e rigorosa. Ambos buscavam desenvolver uma filosofia rígida e que dispusesse de precisão.

Assim como Descartes, Husserl começa sua reflexão a partir da concepção dos céticos sobre a teoria de conhecimento do mundo, ou seja, defendendo que se deve suspender o juízo sobre a validade das coisas. O método da dúvida de Descartes possui, então, uma característica oriunda dos filósofos céticos, tal qual a *epoché* de Husserl. Em outros termos, a noção de ceticismo está presente em ambas as teorias.

Husserl afirma que Descartes, na concepção do eu, está longe da exploração do ego (HUSSERL, 2013, p. 10). Nesse sentido, ele busca ir além do que Descartes foi na questão do eu. Husserl pensa o eu como transcendente, isto é, o eu é visto como potencialidade, possibilidade de vivências. Assim, há uma continuidade e um aprofundamento de Husserl sobre a concepção de Descartes sobre o ego.

Assim, Husserl vai mais longe do que Descartes percorreu com a autoexperiência de mundo empreendida pelo ego. A experiência é a relação do ser humano com o mundo. Já na autoexperiência, Husserl propõe a realização de uma experiência aberta e ilimitada (HUSSERL, 2013, p. 12). Ademais, “a experiência é ‘de’ ou ‘sobre’ alguma coisa. Ela oferece uma apreensão direta e imediata da coisa. De acordo com Husserl, a apreensão da coisa dada se dá através da intuição e a forma mais pregnante de intuição é dada com a percepção” (FREITAS, 2021, p. 14).

Entraremos agora na filosofia de Descartes. Nesse sentido, passaremos para as teorias da dúvida de Descartes e, em seguida, a suspensão de juízo cartesiana. Em seguida, iremos discorrer sobre as teorias de Edmund Husserl.

Teoria da dúvida de Descartes

Descartes procura uma base para construir sua filosofia. Para isso, ele coloca em dúvida a verdade das antigas opiniões que anteriormente tinha como verdadeiras. Por consequência, ele desenvolve o método da dúvida.

A dúvida exposta por Descartes se refere às coisas que são externas. Desse modo, a historicidade, a tradição e a autoridade do conhecimento foram colocadas em suspeição. A dúvida metódica, então, foi o meio pelo qual Descartes se valeu para chegar a um conhecimento firme e seguro. Ela foi levada ao extremo para que dela se pudesse extrair uma verdade incontestável, uma primeira verdade.

Assim, na busca de uma base forte para construir sua filosofia, Descartes desenvolve o método denominado *dúvida metódica* na obra *Meditações sobre a Filosofia Primeira*. Descartes apresenta esse método já na primeira meditação. De forma resumida, exporemos como Descartes utiliza o método da dúvida, no qual ele afirma que nossos sentidos podem nos enganar. Por exemplo, quando observamos algo distante, o vemos com um tamanho menor do que realmente ele possui. Assim, não podemos confiar nos nossos sentidos. Além disso, Descartes também observou que, quando estamos sonhando, pensamos que o sonho é real, isto é, achamos que estamos realmente vivendo uma tal realidade, até que acordamos. Desse modo, podemos duvidar da nossa realidade, pois não há garantia de que aquilo que percebemos é um sonho ou não. Com as dúvidas dos sentidos e da realidade, Descartes concluiu que, necessariamente, ele era alguma coisa que pensava, pois

ele compreendeu que não podia duvidar que estava duvidando e que, por sua vez, a dúvida é uma ação mental. Logo, não podia duvidar da sua mente. Então, pelo menos, a mente existe. Assim, há a evidência de que não há nenhuma dúvida sobre a sua existência. Descartes expressa isso com a seguinte frase: “penso, logo existo” (*Cogito ergo sum*).

Portanto, Descartes faz uma radicalização através do método da dúvida para chegar a uma base para o conhecimento da realidade através da razão. Por radicalização, entendemos que tal processo equivale a ir à raiz, isto é, alcançar uma base segura.

A partir da explanação da teoria da dúvida de Descartes, de forma resumida vou discorrer sobre a suspensão do juízo e sobre o conceito de evidência de Descartes. Assim, conseguiremos ver com mais clareza uma parte da teoria filosófica de Descartes.

Suspensão do juízo em Descartes

A suspensão do juízo é o início da teoria da dúvida de Descartes. Na busca de algo verdadeiro, ele suspende o juízo sobre as coisas, isto é, não atribui valor de verdade ou falsidade em relação à elas. Juízo é o julgamento acerca de algo.

Faz alguns anos já, dei-me conta de que admitira desde a infância muitas coisas falsas por verdadeiras e de quão duvidoso era o que depois sobre elas construí. Era preciso, portanto, que uma vez na vida, fossem postas abaixo todas as coisas, todas as opiniões em que até então confiara, recomeçando dos primeiros fundamentos, se desejasse estabelecer em algum momento algo firme e permanente nas ciências (DESCARTES, 2004, p. 21).

Assim, Descartes coloca tudo que é externo ao sujeito de conhecimento em suspensão, ou seja, ele não atribui nenhum valor de verdade à realidade externa ao sujeito. Há a necessidade de suspender o juízo, já que muitas vezes cremos naquilo que julgamos existir.

No método da dúvida, Descartes determina duas características: 1) não é necessário que todas as opiniões sejam falsas, mas é essencial afastar as opiniões das quais se possa duvidar; 2) não é necessário examinar cada opinião em particular, mas os princípios sobre os quais as opiniões estão fundamentadas.

Ora, para isso não será necessário mostrar que todas elas são falsas – o que talvez nunca pudesse conseguir –, mas, porque a razão já me persuade de que é preciso coibir o assentimento, de modo não menos cuidadoso, tanto às coisas que não são de todo certas e fora de dúvida quanto às que são manifestamente falsas, bastará que encontre, em cada uma, alguma razão de duvidar para que as rejeite todas [...]. E, para fazê-lo, não será preciso também que as percorra uma por umas, tarefa infundável, mas porque, se os fundamentos se afundam, desaba por si mesmo tudo o que foi edificado sobre eles, atacarei de imediato os próprios princípios em que se apoiava tudo aquilo em outrora acreditei (DESCARTES, 2004, p. 23).

Assim, Descartes coloca em dúvida a base de todas as opiniões, os conhecimentos que possui a partir da experiência, que é o princípio que sustenta o conhecimento adquirido por meio dos sentidos do corpo. Descartes nos diz que os nossos sentidos nos enganam, então, não podemos confiar nos conhecimentos que adquirimos através deles, isto é, pela experiência. “Com efeito, tudo o que admiti até agora como o que há de mais verdadeiro, eu o recebi dos sentidos ou pelos sentidos. Ora, notei que os sentidos às vezes enganam e é prudente nunca confiar completamente nos que, seja uma vez, nos enganaram” (DESCARTES, 2004, p. 23).

Porém, o princípio de Deus não é baseado na experiência. Deus é perfeito. Então, ele não pode enganar, pois enganar e errar é imperfeição, o que não cabe a Deus. Então, Descartes parte para a experiência como princípio que sustenta as opiniões sobre o mundo. Esse princípio é o que devemos duvidar. Nesse sentido, colocamos em dúvida o conhecimento adquirido pela experiência.

A suspensão deixa de lado os preconceitos que colocamos nas coisas, assim como a nossa concepção de mundo. Descartes propõe colocar tudo que já se conhece do mundo em dúvida.

Eis porque creio não esteja agindo mal, se, entrando voluntariamente numa direção de todo contrária, passe a me enganar a mim mesmo e finja por algum tempo que essas opiniões são de todo falsas ou imaginárias, até que, finalmente, os pesos das duas ordens de preconceitos tendam, por assim dizer, a igualar-se e já nenhum mau hábito desvie meu juízo da reta percepção das coisas, de um exato conhecimento das coisas. Com efeito, sei que nesse ínterim não sucederá perigo ou erro algum, não posso ser mais indulgente do que devo com minha desconfiança, pois, agora, não me proponho agir, mas apenas conhecer (DESCARTES, 2004, p. 31).

Com a suspensão do juízo, Descartes cria a possibilidade de desenvolver novas regras para conferir critério de verdade às coisas. Tais regras são baseadas

na noção de evidência, que é o meio de verdade na teoria epistemológica de Descartes.

Assim, continuando com Descartes, vamos partir para a exposição do conceito de evidência, que é muito importante na filosofia de Descartes e que, por sua vez, também influenciou Husserl.

Conceito de evidência em Descartes

Evidência é um critério que Descartes impõe para a aceitação de algo como verdadeiro. Ela implica a certeza. Em outros termos, ter evidência é não ter dúvida.

De acordo com Descartes, a evidência se dá através da clareza e da distinção; isto é, algo só deve ser aceito como verdadeiro quando se mostra claro e evidente. O filósofo estabelece que algo verdadeiro se dá através da percepção clara e distinta das coisas.

Farei, agora, uma inspeção ainda mais cuidadosa para saber se acaso não há em mim outras coisas que, por ora, ainda não percebi. Estou certo de que sou coisa pensante. Não saberei, portanto, também, qual o requisito para ficar certo de alguma coisa? Com efeito, nesse primeiro conhecimento nada há senão uma percepção clara e distinta do que afirmo. Isto não seria seguramente suficiente para me tornar certo da verdade da coisa, se jamais pudesse acontecer que algo por mim percebido, assim clara e distintamente, fosse falso. E, por conseguinte, parece-me que já posso estabelecer como regra geral que: é verdadeiro tudo o que percebo muito clara e muito distintamente (DESCARTES, 2004, p. 71).

Com a noção de evidência, Descartes busca obter certeza de validade sobre alguma coisa. A percepção do sujeito de conhecimento sobre algo está validada pela regra da evidência, que possui duas características: ser clara e distinta. Esses dois pressupostos da evidência lhe conferem legitimidade, princípio que sustenta a verdade do conhecimento. Assim, verdades são as coisas contidas no juízo quando são claras e distintas.

Portanto, a evidência é um princípio para o processo de conhecimento do mundo, segundo Descartes. A evidência é a garantia de verdade. Ela é o critério de verdade que se dá pela mente. O objeto, então, é compreendido pela mente, que conhece a coisa clara e distintamente pela adequação da coisa ao intelecto.

Assim, a filosofia de Descartes não apenas marcou a tradição filosófica com uma teoria filosófica, mas possibilitou a abertura para a fundamentação de outras teorias. Nesse sentido, partir da dúvida, da suspensão do juízo e do conceito de evidência, Husserl desenvolve a concepção da *Epoché* e o conceito de intuição.

Agora irei apresentar como Husserl desenvolve a noção de suspensão de juízo, de *Epoché* e, em seguida, o conceito de intuição. Desse modo, veremos a influência de Descartes na filosofia de Husserl, ou melhor, em uma parte da fenomenologia de Husserl.

***Epoché* – suspensão de juízo**

Assim como Descartes, Husserl cria um método que radicaliza a filosofia para alcançar a sua base para o conhecimento. Esse novo método também está relacionado a suspensão do juízo. Husserl o denomina *epoché*.

Segundo Husserl, Descartes teve influência na sua concepção de *epoché*. “Em lugar do ensaio cartesiano de dúvida universal, nós poderíamos fazer surgir agora a *epoché* universal, no nosso sentido nitidamente determinado e novo” (HUSSERL, 2006, p. 81). Assim, a *epoché* está relacionada a filosofia cartesiana.

Epoché significa suspensão do juízo. A suspensão do juízo consiste em rejeitar afirmações e negações; nesse sentido, “a *epoché* impede que se diga, por exemplo, *este copo é branco* ou *este copo não é branco*” (ULPIANO, 2016, s/p). Fazer a *epoché* é não julgar, não avaliar, suspender completamente o juízo. A suspensão de juízo incide sobre a realidade natural, isto é, a realidade do cotidiano.

Colocamos fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural, colocamos entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural que está constantemente “para nós aí”, ‘a nosso dispor”, e que continuará sempre aí como “efetividade” para a consciência, mesmo quando nos aprover colocá-la entre parênteses (HUSSERL, 2006, p. 81).

A suspensão de juízo equivale a colocar a realidade natural entre parênteses. Com efeito, colocar entre parênteses não é negar a realidade, mas a realidade passa a não ter o caráter inquestionável de validade. A visão do mundo, então, experimenta uma transformação, de modo que deixa de aceitar a evidência da

existência das coisas e passa a lidar com o mundo da consciência, formado pela vivência do sujeito individual.

O termo *epoché* tem origem grega. Como já dito, ele significa suspensão de juízo. Os filósofos céticos entendiam a *epoché* como negação das teorias em geral. Porém, a *epoché* pensada por Husserl não está relacionada diretamente aos céticos, mas sim a Descartes. No seu artigo, *Une introduction au rapport de Husserl à Descartes (Uma introdução ao relatório de Husserl a Descartes)*, Michel Boucey (s.d.) afirma que a *epoché* cética é sinônimo de *aphasia*, estado silencioso da alma. Enquanto isso, a *epoché* fenomenológica abre o processo teoricamente fenomenológico. Ela se aproxima da concepção da dúvida cartesiana.

Com isso, a *epoché* é o início para o método fenomenológico. O rigor do método é conseguido através de uma descrição mais fidedigna possível do fenômeno. Dito isso, alcança-se outro conceito essencial na filosofia de Husserl, que é o da intuição. Descartes também teve influência nessa conceitualização. Desse modo, vamos partir para a compreensão da concepção que Husserl faz sobre a intuição.

Conceito de intuição em Husserl

Intuição é a percepção de algo individual existente, que se mostra imediatamente em sua concreta plenitude, isto é, sem intervenção dos meios cognitivos. A intuição sobre uma coisa é, em outros termos, análoga a uma visão que apreende a essência da coisa tal como ela é.

A essência corresponde ao que realmente é a coisa. Ela é dada na experiência. “A essência (*eidōs*) é uma nova espécie de objeto. Assim como o que é dado na intuição individual ou empírica é um objeto individual, assim também o que é dado na intuição de essência é uma essência pura” (HUSSERL, 2006, p. 36).

Assim, a intuição é o conhecimento ou a apreensão da essência da coisa, ou melhor, a intuição é a visão da essência. “A visão de essência é, portanto, intuição, e se é visão no sentido forte, e não uma mera e talvez vaga presentificação, ela é uma intuição doadora originária, que apreende a essência em sua epseidade ‘de carne e osso’” (HUSSERL, 2006, p. 37).

Com a intuição, busca-se apreender a realidade íntima e essencial da coisa. A intuição fornece o conhecimento da coisa de forma imediata. Ela é um termo técnico na fenomenologia com sentido diferente do utilizado pelo senso comum atual, que a compreende como um pressentimento. Na fenomenologia, a intuição é a percepção de algo imediato. Assim, através da intuição, a fenomenologia discorre sobre a possibilidade de ir às coisas de modo imediato e objetivo (FREITAS, 2021).

Em outros termos, a intuição é um captar do ente em sua presença viva, em “carne e osso”. Na intuição, o captar se refere ao ente em si mesmo, como ouvir uma música, ou até mesmo a percepção de que o livro é azul. A intuição se dá quando algo que é visado num comportamento, num relacionamento, numa atitude, quando se dá em presença viva, direta; isto é, de modo mais claro, intuição é conhecimento (FREITAS, 2021).

A partir do conceito de evidência de Descartes, podemos identificar uma relação com a noção de intuição de Husserl. Assim, fazendo analogia com a filosofia cartesiana, percebe-se a busca por algo claro e distinto pela visão de essência. Desse modo, observa-se uma nova influência da filosofia de Descartes sobre a fundamentação teórica husserliana.

Porém, a influência de Descartes sobre Husserl não significa que Husserl continuou a filosofia de Descartes. Ao contrário, ele aponta as limitações da filosofia cartesiana. Em outras palavras, Husserl teve influência de Descartes, mas não o seguiu como um discípulo. Antes, Husserl discorda de Descartes em vários pontos, tal como o descrito a seguir.

Infelizmente, é isso que se passa em Descartes com a viragem, singela mas fatal, que faz do *ego* uma *substantia cogitans*, um *mens sive animus* humano separado, e um ponto de partida para inferência segundo o princípio causal, numa palavra, a viragem pela qual ele se tornou o pai do contrassenso (que não podemos ainda tornar visível) do Realismo Transcendental. Ficaremos bem afastados de tudo isto se permanecemos fiéis ao radicalismo da reflexão e, com isso, ao princípio da pura intuição ou evidência, por conseguinte, se não conferimos aqui validade senão àquilo que nos foi desde cedo logo e imediatamente dado no campo do ego cogito-que nos foi aberto pela *epoché* - e se não fizermos asserções sobre aquilo que nós próprio não vemos. Descartes errou a este respeito, e é assim que ele se quedou diante da maior de todas as descobertas- e a realizou mesmo, de certo modo- sem, contudo, captar o seu sentido próprio, portanto, o sentido da subjetividade transcendental; assim, não transpôs a porta de entrada que conduz à autêntica Filosofia Transcendental. (HUSSERL, 2013, p. 62).

A influência de Descartes consiste, então, na abertura de possibilidade *de* e ao pensamento. Em outros termos, o pensamento filosófico de Descartes marcou profundamente a tradição filosófica, abrindo novas possibilidades, tal como uma discussão nova sobre a consciência.

Considerações Finais

Por tudo isso, vimos que Descartes teve grande influência na filosofia de Husserl, como é notório na análise da história da filosofia. Porém, também é conhecido que Husserl teve muitas outras influências, como Franz Brentano, Hume, entre outros filósofos modernos.

A compreensão do pensamento filosófico de Husserl envolve muitas fontes filosóficas. No caso de Descartes, é possível conceber que o entendimento do pensamento cartesiano contribui de forma significativa para a análise da filosofia husserliana.

Assim, sobre a relação mais estrita entre o pensamento de Descartes e de Husserl, observamos que a *epoché* criada por Husserl equivale à suspensão de juízo de Descartes. E o conceito husserliano de intuição tem ligação com a noção de evidência. Isso demonstra a contribuição cartesiana no pensamento de Husserl.

Além disso, a noção suspensão de juízo de ambos os filósofos está relacionada ao modo indispensável para chegar à essência da coisa em si, ao conhecimento da verdade da coisa. Isto é, há algo comum que os filósofos em estudo pensaram: a suspensão de juízo como método.

Porém, como foi exposto neste artigo, Descartes serviu de motivação para o pensamento de Husserl. Contudo, a filosofia de Husserl não adota a filosofia cartesiana de modo total e acabado. Husserl apenas interpreta Descartes como uma fonte de inspiração na concepção de seu pensamento próprio e inovador.

Referências

BOUCEY, Michel, **Une introduction au rapport de Husserl à Descartes**. Disponível em: <https://mb.functor.fr/une-introduction-au-rapport-de-husserl-a-descartes>. Acesso em: 11.fev.2023.

DESCARTES, Rene, **Meditações sobre a filosofia primeira**. Tradução, notas prévias e revisão de Fausto Castilho. Ed. Bilingue em latim e português. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

DE WAELEHENS, Alphonse. Descartes et la pensée phénoménologique. **Revue néo-scholastique de philosophie**. 41 année, Deuxième série, n. 60. p. 571-589.

FREITAS, Jeferson Benício de. **O corpo humano na analítica existencial de Heidegger**. 112f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Ed. 70, 2000.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund, **Meditações Cartesianas e Conferência de Paris**. Tradução de Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

HENRY, Michel. **O começo cartesiano e a ideia de fenomenologia**. Tradução de Adelino Cardoso. Corvilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. (Coleção Textos Clássicos de Filosofia. LusoSofia Press).

KELKEL, Arion L. **Husserl**. Paris: Presses Universitaires de France 108, 1971.

REGNIER, Pirard. Edmund Husserl, Philosophie première (1923-24). Deuxième Partie. Théorie de la réduction phénoménologique. Traduit de l'allemand par Arion L. Kelkel. **Revue Philosophique de Louvain**. Quatrième série, tome 71, n° 11, p. 595-597, 1973.

RIBEIRO JUNIOR, João. **Fenomenologia**. São Paulo: Ed.: Pancast, 1991.

ULPIANO, Claudio. **Ceticismo e a suspensão do juízo**. 2016. Disponível em: <https://opiniaocentral.wordpress.com/2016/11/21/ceticismo-e-a-suspensao-do-juizo/>.

ZAHAVI, Dan. **A fenomenologia de Husserl**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

Recebido em: 15/02/2023
Aprovado em: 01/07/2023